



**Zona da Mata:**  
a história do  
Movimento Sindical  
dos Trabalhadores  
e das Trabalhadoras  
Rurais começa aqui



## Diretoria da FETAPE

Doriel Saturnino de Barros  
*Diretor Presidente*

Paulo Roberto Rodrigues dos Santos  
*Diretor Vice-Presidente*

Adelson Freitas Araújo  
*Diretor de Organização e Formação Sindical*

Cícera Nunes da Cruz  
*Diretora de Finanças e Administração*

Gilvan José Antunis  
*Diretor de Política Salarial*

Adimilson Nunis de Souza  
*Diretor de Política Agrícola*

Maria Givaneide Pereira dos Santos  
*Diretora de Política Agrária*

Maria Jenusi Marques da Silva  
*Diretora de Política para as Mulheres*

Adriana do Nascimento Silva  
*Diretora de Política para a Juventude*

Israel Crispim Ramos  
*Diretor de Política da Terceira Idade*

Antônio Francisco da Silva (Ferrinho)  
*Diretor de Política do Meio Ambiente*

# Ficha Técnica

## **Entrevistas aos Sindicatos, Pesquisa,**

**Redação das Informações:** Severino Francisco da Luz Filho (Biu da Luz) – Assessor da Academia Sindical FETAPE

## **Sindicatos Entrevistados:**

**Mata Norte:** Aliança, Araçoiaba, Abreu e Lima, Camutanga, Carpina, Condado, Ferreiros, Itaquitoinga, Itambé, Goiana, Igarassu, Lagoa de Itaenga, Chã de Alegria, Glória do Goitá, Nazaré da Mata, Macaparana, Vicência, Timbaúba, Paudalho, São Lourenço da Mata, Lagoa do Carro, São Vicente Ferrer, Paulista.

**Mata Sul:** Água Preta, Amaraji, Barreiros, Bonito, Belém de Maria, Cortês, Chã Grande, Cabo, Catende, Jaqueira, Joaquim Nabuco, Gameleira, Ipojuca, Escada, Ribeirão, Rio Formoso, Jaboatão, Moreno, Pombos, Palmares, Primavera, Sirinhaém, São José da Coroa Grande, Tamandaré, São Benedito do Sul, Quipapá, Vitória de Santo Antão, Xexéu.

**Contribuições:** Mônica Tavares – Assessora da Diretoria de Organização e Formação; Ana Paula Albuquerque – Assessora da Diretoria de Política Salarial

**Agradecimentos:** Jailma Pereira de Lira e Silva (Assessora do Polo da Mata Norte) e Risadalvo (Assessora do Polo da Mata Sul)

**Redação do conteúdo da publicação, a partir da pesquisa:** Ana Célia Floriano – Assessora de Comunicação da FETAPE

**Fotos:** Arquivo Academia Sindical FETAPE e Sindicatos

**Design:** Alberto Saulo

**Revisão Gramatical:** Neide Mendonça

# Sumário

- 07** Apresentação da publicação
- 09** Caminho percorrido
- 11** Um açúcar com gosto de sangue
- 13** Essa luta não foi fácil, mas teve que acontecer
- 16** Resumo das datas de fundação dos STRs da Zona da Mata
- 16** As primeiras reuniões
- 17** A nossa luta dá frutos
- 17** Primeiras conquistas
- 18** Violência
- 19** Estratégias criadas pela FETAPE para realizar a ação sindical no período da ditadura militar
- 20** A ação do MSTTR a partir de 1979
- 21** Participação das mulheres da Zona da Mata na luta do Movimento
- 22** A juventude da Mata na luta sindical
- 22** O olhar para a terceira idade
- 23** Olhando a Zona da Mata a partir de 1990
- 25** Avanços ao longo dos anos
- 26** Greves na Zona da Mata
- 28** Greves, dissídios e convenções coletivas na Zona da Mata 1979/2017
- 29** Lideranças que se destacaram nessa luta
- 30** Um momento novo
- 30** Reorganização sindical
- 31** Informações relacionadas à organização sindical hoje
- 32** Desafios existentes na região
- 33** Bandeiras de luta do MSTTR na Zona da Mata
- 34** O futuro
- 35** Síntese das lutas sindicais na Zona da Mata em poesia
- 36** MATA NORTE: sindicatos visitados pela Academia Sindical citados em poesia
- 37** Visitas da Mata Sul em poesia
- 38** Fontes de pesquisa



# Apresentação da publicação

A Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado de Pernambuco (FETAPE), dando continuidade ao compromisso de manter viva a história do Movimento Sindical Rural do estado, por meio de sua Academia Sindical, inicia, com este livro, uma sequência de três obras que contará a caminhada de luta e resistência dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, nas três regiões: Zona da Mata, Agreste e Sertão.

Este primeiro livro vem apresentar a história da Região da Zona da Mata, local onde ocorreram as primeiras organizações de trabalhadores/as rurais em Pernambuco. A proposta desta publicação não é trazer um conteúdo acadêmico, mas uma síntese de relatos dos sindicatos, e das experiências vividas por homens e mulheres que construíram essa história.

**Zona da Mata: a história do Movimento Sindical dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais começa aqui** é um trabalho realizado por muitas mãos e, por isso, queremos agradecer à Direção da FETAPE, pelo apoio e compromisso; aos/as assessores/as que se dedicaram a essa produção, em especial, a Severino Francisco da Luz Filho, Seu Biu da Luz, pelo empenho e tempo dedicado à coleta dos relatos e informações. Por fim, um agradecimento especial a todos os dirigentes dos sindicatos da Zona da Mata que se envolveram, compartilhando suas experiências de vida e de luta.

“Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje (...). Temos de saber o que fomos, para saber o que seremos” - Paulo Freire. E, como nos ensina Freire, que este livro nos ajude a compreender a nossa história e fortalecer, ainda mais, a nossa luta por uma vida melhor para os trabalhadores e trabalhadoras rurais de Pernambuco.

**Doriel Barros**  
Presidente da FETAPE

**Adelson Freitas**  
Diretor de Organização  
e Formação Sindical



## O caminho percorrido

A Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado de Pernambuco, em 2012, ao completar 50 anos de história, em conjunto com os seus sindicatos filiados, aproveitou o momento das comemorações para lançar a ideia de criar a Academia Sindical FETAPE, que deveria se preocupar em valorizar as memórias vivas do Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR) e organizar a história de luta dos homens e mulheres do campo.

Nesse processo, foi dada a encomenda, a cada um dos 10 polos sindicais, de eleger uma de suas lideranças históricas para compor a Academia por um determinado período. Ao finalizar esse prazo, haveria uma renovação dos nomes indicados. Esse grupo seria chamado de Memórias Vivas da Academia Sindical.

Dessa forma, as primeiras Memórias Vivas indicadas na Zona da Mata, para o período de 2013 a 2017, foram: Amaro Francisco da Silva Biá (Mata Sul) e Severino Domingos de Lima (Mata Norte). Esses líderes e os representantes dos demais polos, das outras regiões, passaram, então, a contribuir ativamente com os processos formativos do MSTTR, especialmente os que trabalham a história de luta e organização dos trabalhadores e trabalhadoras no estado.

Para valorizar essas memórias vivas e registrar um pouco de suas contribuições para as lutas e conquistas do Movimento Sindical Rural, em 2014, a FETAPE lançou o livro “O Campo – meu lugar de viver, ver e transformar”, que possibilitou, de forma sintética, que cada uma delas pudesse falar de sua história.

No âmbito mais externo, vale ressaltar que a Academia Sindical tem sido procurada por diversas instituições, a exemplo de universidades federais e institutos, que buscam informações sobre a caminhada de luta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais.

10

Como estrutura física, a Academia Sindical tem, hoje, um espaço na FETAPE, onde são arquivadas as documentações de todos os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (STRs) e Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Assalariados Rurais (STTARs) da região.

**ESTA PUBLICAÇÃO** – Para que os Sindicatos pudessem participar do processo de resgate e valorização dessa história, a FETAPE resolveu elaborar publicações que contassem a atuação do Movimento nas regiões, de modo a subsidiar pessoas e organizações que se interessem em conhecer a atuação do MSTTR na defesa dos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Neste primeiro fascículo, a proposta é falar da Zona da Mata, berço do Movimento Sindical Rural no estado.

Para que fosse produzido o conteúdo desta publicação, a direção da FETAPE, em conjunto com a Academia Sindical, planejou e realizou um trabalho de visitas e entrevistas junto aos sindicatos filiados dessa região. Dessa forma, foram ouvidos 51 dos 53 STRs/STTARs da Zona da Mata, que se disponibilizaram e acolheram, com muita atenção e carinho, o representante da Academia (Seu Biu da Luz), para as entrevistas.

# Um açúcar com gosto de sangue



11

Falar sobre a vida dos trabalhadores e trabalhadoras rurais da Zona da Mata, no passado, especialmente no período anterior à fundação dos sindicatos (antes de 54), é falar sobre sofrimento, desrespeito, violação de direitos. Uma situação de completa escravidão.

Os/as trabalhadores/as rurais da zona canavieira viviam como se não fossem seres humanos. Não existia lei para garantir salário e outros direitos trabalhistas. O que prevalecia era a vontade do patrão.

Na época, na maioria dos engenhos, existia o sistema de barracão. O espaço pertencia a um “testa de ferro” do dono do engenho, que tinha poder como se fosse o dono da propriedade. O estabelecimento vendia as mercadorias que o/a trabalhador/a precisava para se alimentar e, dessa forma, o pouco que essa pessoa ganhava era utilizado, no final da semana, para pagar as dívidas que eram deixadas todos os dias.

Quando a conta era feita, normalmente o/a trabalhador/a ficava com um saldo devedor, que deveria ser pago na semana seguinte, e assim sucessivamente. O débito quase nunca era quitado, deixando essas pessoas sempre dependentes do barracão.

O horário de trabalho era do amanhecer ao anoitecer, e ninguém podia reclamar nada. Não existia liberdade para falar. Se o patrão soubesse de algum trabalhador/a que estivesse falando em se organizar para defender os seus direitos, mandava seus capangas darem uma surra com cipó de boi, fazendo com que os demais tomassem conhecimento dessa violência, pois o objetivo era meter medo em todos.

O tamanho da tarefa, para o/a trabalhador/a tirar em um dia, era muito grande. O patrão mandava medir a tica (tarefa dada pelo patrão para que o trabalhador fizesse em um dia) com uma vara de 2,5 metros, e traçava uma medida de  $12 \times 13 = 156$  cubos. Um cubo é uma braça quadrada. Quando o mato era grande, o/a trabalhador/a passava o dia todo e não conseguia tirar a tarefa. Assim, ficava uma parte para ser feita no outro dia, sendo que pelo mesmo valor do dia anterior.

A moradia era casa de tipa (madeira e barro), com o piso de barro. Os assentos dos moradores eram rolos de madeira ou tamboretes, para quem podia comprar. A cama era de vara e o colchão, de capim. A iluminação vinha de um candeeiro a querosene. Não existia o mínimo de conforto.

A diversão era ir rezar o terço e assistir à santa missa, na capela do engenho, aos domingos. No sermão dos padres, era dito que o/a trabalhador/a precisava ser obediente ao seu patrão. Para ir para o céu, era necessário sofrer e oferecer o sofrimento a Deus.

**Naquela época existia o  
trabalhador foreiro/  
E o que era tiguereiro/  
O laurador que sofria/  
Era uma tirania /  
Cambãozeiro explorado/  
Pagava foro dobrado/  
Era grande o sofrimento/  
Muito padecimento /  
E muito desorganizado.  
O açúcar produzido/  
Com sangue do irmão/  
Na base da exploração/  
Pelo grupo atrevido/  
Opressor dos oprimidos/  
Os pobres sacrificados/  
Vivendo escravizados/  
Mas um dia essa gente/  
Passa a pensar diferente/  
Aí o nó foi desatado.**

# Essa luta não foi fácil, mas teve que acontecer

Cada município da Zona da Mata tem suas histórias sobre o processo de constituição do Movimento Sindical Rural na região. Porém, uma coisa é certa: o sistema de dominação e de escravidão vivenciado pelos trabalhadores e trabalhadoras era comum a todos eles. Então, depois de ano após ano de sofrimento, era chegada a hora de dar um basta nessa situação.

*Tudo tem sua história/ Tem começo meio e fim/  
Tem coisa boa e ruim/Há momentos de glória/  
Registrados na memória/  
Que é preciso expressar/Dizer aonde quer chegar/  
Preparar o caminho/ Pra caminhar direitinho/  
E o direito ir buscar*

13

Nos anos 50, os camponeses e as camponesas, que recebiam todo tipo de pressão, tinham dificuldade de superar essa realidade, mesmo naquela época já existindo algumas leis que asseguravam a organização sindical rural. Uma delas foi o decreto nº 1.637/1907, que garantia o direito de criar sindicatos de trabalhadores rurais. Porém esse foi um documento que ficou engavetado, e não era do conhecimento de nenhum/a trabalhador/a.

A partir de 54, surgiu uma luz no final do túnel: lideranças interessadas em ajudar os camponeses a saírem da escravidão. Uma grande inspiração eram as notícias que chegavam de outros cantos do País sobre as primeiras organizações criadas no Sul, Sudeste e também em alguns estados do Nordeste. Foram constituídos o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campos, no Rio de Janeiro; o Sindicato de Bragança, em São Paulo; e os Sindicatos de Ilhéus e Itabuna, na Bahia. Dessa forma, em 1954, foi criado o primeiro Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pernambuco, em Barreiros, na Zona da Mata Sul.

14

*"Entre os anos 1955 e 1956, o Sindicato foi fechado, por diversas vezes, pelos patrões. Nessa época, fazíamos as assembleias na rua mesmo. Os patrões partiam com cavalos para cima dos trabalhadores. Muitos companheiros nossos foram pisoteados por cavalos".*

Amaro Francisco da Silva Bia - Memória Viva da Mata Sul na Academia Sindical FETAPE, e dirigente do Sindicato de Barreiros

Em nível nacional, esses e outros STRs foram fundados com base na lei que já existia, mas quase não tinham força para avançar na luta e na organização dos/as trabalhadores/as rurais.

Posteriormente, em Vitória de Santo Antão, foi criada a Associação dos Lavradores do Engenho Galileia. As Ligas Camponesas começaram a organizar os camponeses e camponesas para lutar em defesa da posse e do uso da terra e contra a exploração existente.

A vontade dos/as trabalhadores/as de se organizarem foi tão grande que, em pouco tempo, as Ligas Camponesas atingiram vários municípios de Pernambuco. Dessa forma, a Associação dos Lavradores do Engenho Galileia passou a ser um símbolo da luta camponesa.

A partir desse processo de luta e resistência, o Engenho Galileia foi desapropriado e a notícia se espalhou rapidamente. As Ligas avançaram nas Matas Sul e Norte e em diversos municípios do Agreste, a exemplo de Caruaru, João Alfredo e Lajedo.

Nessa época, enquanto os patrões taxavam as Ligas Camponesas de comunistas, os/as trabalhadores/as rurais queriam alguém que os ajudasse a se libertar, não interessava quem fosse.

O que se comentava entre os trabalhadores e trabalhadoras na época era: “*Se defender os pobres é ser comunista, então estamos com quem defende os pobres*”. Outros diziam, ainda: “*Comunista é quem explora a gente, tira a nossa liberdade e nega os nossos direitos*”.

**SINDICATOS DE TRABALHADORES RURAIS:** Com o avanço das Ligas Camponesas, começou a luta pela organização dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais no estado. Foi nesse momento que os setores mais progressistas da Igreja Católica começaram a se interessar pela organização dos/as trabalhadores/as rurais em Pernambuco.

Com base na Encíclica do Papa João XXIII, que recomendava um posicionamento da Igreja no sentido de apoiar os/as trabalhadores/as em busca dos seus direitos, padres e bispos começaram a preparar lideranças para organizar os trabalhadores rurais em sindicatos. Essa foi uma luta muito grande, porque os poderosos se sentiram ameaçados e, assim, passaram a perseguir todos e todas que falassem em defesa da criação de sindicatos.

### **Lideranças religiosas que apoiam a luta dos/as trabalhadores/as**

Durante as entrevistas aos STRs da Zona da Mata, algumas lideranças religiosas foram citadas como importantes nessa luta em defesa dos direitos dos/as trabalhadores/as: Dom Eugênio Sales, bispo do Rio Grande do Norte; Dom Helder Camara, arcebispo da Arquidiocese de Olinda e Recife; Padre Énio Paulo Crespo, pároco de Jaboatão; padre Mário Tavares, da Diocese de Nazaré da Mata; padre Dantas, membro do Sorpe e assessor do Cooperativismo Rural; padre Genálio Augusto de Melo, na época vigário de Carpina; Monsenhor Arruda Câmara, vigário de Surubim; Mansueto de Lauor, da Diocese de Petrolina; Dom Francisco Austragésilo, bispo de Afogados da Ingazeira; Padre Vitor Miracapillo, pároco de Ribeirão, entre tantas outras.

## RESUMO DAS DATAS DE FUNDAÇÃO DOS STRs DA ZONA DA MATA

REGIÃO	ATÉ 1959	DE 1960 A 1963	DE 1964 A 1979	DE 1980 A 2017	TOTAL
MATA SUL	01	11	11	07	30
MATA NORTE	00	14	04	05	23
TOTAL GERAL	01	25	15	12	53
PERCENTUAL	1,9%	47%	28,1%	23%	100,0%

## As primeiras reuniões

16

As reuniões para a constituição dos sindicatos eram realizadas nas casas paroquiais, com o apoio dos padres, durante as atividades de reza do terço, de leitura da Bíblia, de interpretação do Evangelho. Nesses momentos, eram colocadas em pauta também as questões relacionadas à organização dos/as trabalhadores/as. A mobilização era feita na base do cochicho. O argumento forte era que o sindicato era uma iniciativa legal, não era uma ação comunista, não era para tomar nada de ninguém, mas, sim, para lutar pelos direitos das pessoas.

*“Muitas vezes, nós estávamos nas comunidades e tinha uma pessoa estranha entre nós. Era um espião do Sistema de Informação Nacional, o SIN. Era o Exército dentro da nossa reunião”.*

Severino Domingos de Lima, Beija-Flor,  
Memória Viva da Mata Norte da Academia Sindical

As lideranças mais corajosas foram indicadas para participar de cursos sobre sindicalismo. A proposta era que elas compreendessem os objetivos da luta, mas também aprendessem a organizar o processo burocrático para a legalização do sindicato. Aqui em Pernambuco, a Igreja Católica criou o SORPE (Serviço de Orientação Rural de Pernambuco), que funcionou no prédio da Arquidiocese de Olinda e Recife, na capital pernambucana. Foi esse órgão que coordenou as ações relacionadas ao meio rural.

Os primeiros sindicatos rurais do estado, criados e registrados no Ministério do Trabalho (MTB), foram: Barreiro e Vitória de Santo Antão, na Zona da Mata; e Caruaru, Limoeiro e Lajedo, no Agreste. As cartas sindicais foram assinadas em 13 de maio de 1962 (exceto a do STR de Barreiros, que já existia desde 1954).

A lei determinava que, a partir da criação e registro de cinco sindicatos, poderia ser formada uma Federação. Assim, em 06 de junho de 1962, foi criada a FETAPE.

Com a notícia do reconhecimento desses primeiros sindicatos, as lideranças de outros municípios ficaram animadas e foram sendo criados outros STRs na Zona da Mata, Agreste e Sertão.

Diante dessa caminhada, pode-se afirmar que a Zona da Mata foi pioneira nas lutas sindicais no estado.

## A nossa luta dá frutos

### PRIMEIRAS CONQUISTAS



Com a criação dos sindicatos, a expectativa dos/as trabalhadores/as rurais era a da aprovação de instrumentos que legalizassem os seus direitos. Assim aconteceu. Em 02 de março de 1963, foi aprovada a Lei 4.214 (Estatuto do Trabalhador Rural), que garantiu salário mínimo, férias, 13º, hora extra, indenização por tempo de serviço, carga horária de oito horas, direito de reclamar na justiça, entre outros pontos. Nada disso existia antes dos sindicatos.

18

Depois dessa primeira conquista, em novembro de 1963, aconteceu o Acordo do Campo, fundamental para a categoria, pois, mesmo com a existência da Lei 4.214, os patrões não a cumpriam.

Insatisfeitos com a situação, os/as trabalhadores/as, a FETAPE e os sindicatos provocaram uma greve geral no campo. O impacto da paralisação foi tão grande que o governador, na época Miguel Arraes de Alencar, precisou se envolver e tomar providências.

A greve foi vitoriosa e, a partir dela, foi aprovada a tabela de tarefa para o campo. Ficou deliberado que o patrão que a descumprisse pagaria multa. A partir desse primeiro Acordo do Campo, os/as trabalhadores/as rurais começaram a perceber a importância da união e da organização, e passaram a lotar as sedes dos sindicatos nos dias de reunião.

Por terem muitas questões na justiça, os sindicatos precisaram contratar advogados. Naquela época, havia delegados sindicais em quase todos os engenhos, e cada um deles recebeu uma cópia do Acordo do Campo. Essas pessoas eram indicadas pelos/as trabalhadores/as.

Esse foi um período no qual muitos dirigentes sindicais ficavam surpresos com a disposição dos trabalhadores dos engenhos. Quando o patrão deixava de cumprir o Acordo, eles paravam as atividades e mandavam avisar aos sindicatos. E se o dirigente sindical não fosse logo ao local de trabalho, perdia a confiança da categoria.

## Violência

Dois anos depois de criados os sindicatos e a FETAPE, os poderosos do Brasil inteiro apoiaram os militares no golpe militar. Isso aconteceu em 31 de março de 1964.

O golpe reestabeleceu a violência que existia antes da criação dos sindicatos. Isso porque os patrões passaram a apontar, para os militares, os nomes dos dirigentes sindicais e

delegados de base que eram mais combativos, e esses passaram a ser presos, torturados e, alguns, até assassinados. Em Pernambuco, houve intervenção em 30 sindicatos. Essas eram feitas pelo Ministério do Trabalho.

A lei não foi extinta, mas, na prática, os patrões voltaram a fazer todo tipo de exploração que existia no passado, burlando o Acordo do Campo, e medindo tarefas exageradas, não pagando horas-extras, atrasando férias e 13º, entre outras violações.

Apesar de a FETAPE denunciar os abusos, inclusive na Organização Internacional do Trabalho (OIT), a violência continuou durante todo o período do golpe.

*“Na época, houve uma perseguição forte aos delegados sindicais e às lideranças que lutavam pela terra. Vários companheiros foram perseguidos e torturados pelo Regime Militar. São inúmeros os casos de violência que abalaram o nosso Movimento nesse período. Foi preciso muito fôlego na alma e coragem para lutar.”*

José Francisco da Silva, ex-presidente da Contag  
Memória Viva do Agreste Setentrional da Academia Sindical FETAPE

19

## ESTRATÉGIAS CRIADAS PELA FETAPE PARA REALIZAR A AÇÃO SINDICAL NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR

A FETAPE fez o que pôde para chegar até os trabalhadores e trabalhadoras rurais durante o golpe. Na época, surgiram diversos projetos governamentais com a intenção de cooptar o Movimento Sindical Rural, que foram usados, pela própria Federação, para fazer a luta sindical. Nesse caso, “o feitiço (do governo) se voltou contra o feiticeiro”.

Um dos primeiros programas envolvia a criação de Escolas de Alfabetização. Nele, a FETAPE indicava os/as coordenadores/as das escolas, os sindicatos indicavam os/as monitores/as e a Cruzada ABC ministrava os cursos com sua equipe técnica, além de fornecer o material didático.

Com a responsabilidade de coordenar as unidades educacionais, a Federação realizava visitas, levando a mensagem do sindicalismo, já que não se podia fazer isso diretamente nos engenhos. Chegou-se a 380 unidades escolares no meio rural do estado. Dessas, mais de 200 foram na Zona da Mata. Cada uma tinha, em média, 30 participantes.

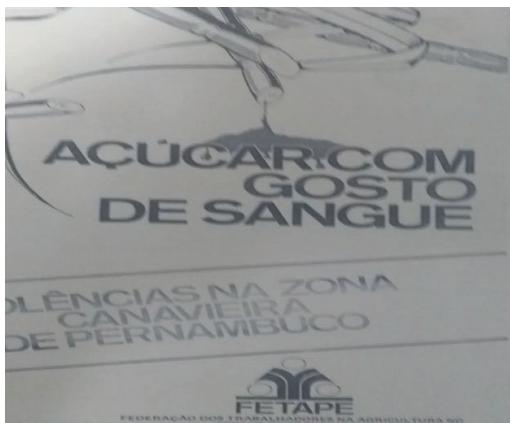
Posteriormente, a proposta era mostrar aos/as trabalhadores/as quais direitos foram conquistados nas leis criadas antes do golpe militar/64. A estratégia, então, foi a produção de programas radiofônicos. Nesses, aos poucos, ia sendo divulgado o teor da legislação. Para isso, a FETAPE organizou uma equipe, e a preparou nos cursos de Programas de Rádio do Cecosne (Centro de Comunicação Social do Nordeste).

A Federação fez a coordenação de programas de rádio em nove emissoras do estado, entre as quais, quatro alcançavam a população da Zona da Mata. Os municípios eram Carpinha, Timbaúba, Palmares e Limoeiro. Esse último, embora fosse no Agreste Setentrional, a rádio tinha um alcance que atingia a Mata Norte. Essa estratégia ajudou muito a fazer a divulgação das conquistas obtidas na época.

## A ação do MSTTR a partir de 1979

A partir de 1979, com o fim do golpe militar, houve um recomeço, ou melhor dizendo, um processo de fortalecimento, nas lutas do MSTTR. Nesse período, aconteceram as primeiras greves na região canavieira. Por esse motivo, a pressão da classe patronal voltou, com toda a força, nos engenhos e usinas.





Naquela época, muitos dirigentes foram presos, delegados de base foram espancados por fazerem greve, e trabalhadores/as foram postos para fora das propriedades. A violência foi tão grande que a FETAPE elaborou um documento intitulado Açúcar com Gosto de Sangue e encaminhou para todas as autoridades do Brasil e, mais uma vez, denunciou-a a OIT.

## PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES DA ZONA DA MATA NA LUTA DO MOVIMENTO

As mulheres trabalhadoras rurais da Zona da Mata começaram a participar das lutas sindicais em 1986. Até essa data, pouquíssimas companheiras se envolviam com a ação sindical, especialmente na zona canavieira.

Em 1987, foi realizado o primeiro Encontro Estadual de Mulheres Trabalhadoras rurais, mas sem a participação da Zona da Mata. Elas só vieram a se integrar no segundo encontro, que aconteceu em 1992.

Entre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, estava o fato de que o entendimento do MSTTR era de que só quem deveria se sindicalizar era o homem. Os sentimentos predominantes eram que “lugar de mulher é na cozinha”; “sindicato só deve colocar mulher na direção quando não existirem mais homens”; e “profissão de mulher é doméstica”. Isso numa clara demonstração da força do machismo e do patriarcado, especialmente na região.

Porém, mesmo diante de tantos desafios, as mulheres não desistiram de ocupar o seu espaço e contribuir fortemente para os avanços hoje registrados na ação do MSTTR na Zona da Mata e no estado como todo.

*Sindicato sem a mulher/ parece jardim sem flor  
É mesmo que nota fria/ dinheiro sem valor  
Parece rio sem água/ e fogo sem calor  
A mulher compreendeu/ que precisava mudar  
Os direitos são iguais / é preciso respeitar  
O poder do machismo /é preciso acabar*

## **A JUVENTUDE DA MATA NA LUTA SINDICAL**

No início da luta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais da Zona da Mata, mais de 70% dos sindicalistas eram jovens, na faixa etária de 32 anos, em média. Na verdade, na época, não existia trabalho específico do Movimento com a juventude, embora a maioria das pessoas que estava na luta fosse jovem.

Posteriormente, no período do golpe militar/64, foi criado, pelo Governo, o Programa Especial de Bolsa de Estudos (Pebe) e, conforme relatos das estratégias de ação da FETAPE daquele período, essa iniciativa possibilitou que fosse feito um trabalho específico com esse público, que era bolsista dos sindicatos. As primeiras atividades foram no âmbito do processo formativo. As ações continuaram, mesmo depois do Pebe.

*Sindicato sem juventude/ não tem prosperação  
É preciso ter cuidado /para haver renovação  
Se a gente não cuidar / vai haver decepção*

*Foram os jovens de ontem/ que construíram o presente  
A esperança do amanhã/ é dos jovens certamente  
Na luta pra melhorar / a sociedade da gente*

## **O OLHAR PARA A TERCEIRA IDADE**

A luta sindical passou por dois momentos: a juventude e, posteriormente, o envelhecimento. E foi a partir desse envelhecimento que o MSTTR começou a pensar em realizar atividades específicas também com a pessoa idosa. Nesse

sentido, a Zona da Mata tem participado de um conjunto de ações de valorização dos idosos e idosas rurais, inclusive lutando por políticas específicas para esse público.

*Foi essa terceira idade/ que construiu o passado  
Que plantou o alicerce/ e na luta teve cuidado  
Ela viveu sua época / veja o resultado*

*Quem critica os idosos/ velho não quer ser  
Também tenho certeza / que moço não quer morrer  
O bom é ser idoso / com direito de viver*

## Olhando a Zona da Mata a partir de 1990

Os anos 90 marcam um novo momento na Zona da Mata. Até certo tempo, os usineiros e senhores de engenhos recebiam subsídios do Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA). Mas, na década de 90, esses foram desaparecendo, até acontecer o corte total. A partir daí, começou-se a falar em crise do setor canavieiro.

Os donos das usinas começaram a desmontar suas usinas para outras regiões, ou mudaram de ramo de atividade. Para os empresários, a situação só era boa quando não pagavam os direitos dos/as trabalhadores/as e recebiam vultosos recursos do Governo Federal, para subsidiar a cana de açúcar. Com a diminuição do lucro, tudo ficou diferente.

### **Fornecedores recebem Cr\$ 20 bilhões e cana tem aumento de 20%**

Eram 10hs 30m de quinta-feira passada, quando o presidente da Associação dos Fornecedores de Cana de Pernambuco, Severino Ademar de Andrade Lima, comuniça de Brasília ao setor de Imprensa e à diretoria da entidade a decisão do presidente Fernando Collor de Mello de liberar Cr\$ 20 bilhões de cruzeiros para financiamento de custeio e renovação. As 22hs 30m daquela mesma noite, Severino Ademar desembarrava no Aeroporto dos Guararapes, de onde seguiu diretamente para a sede da Associação, permanecendo ali reunido com seus colegas de diretoria até às 12,30hs.

Conforme foi amplamente divulgado pelos organismos de comunicação de quase todo o País, os fornecedores de cana, reunidos segunda-feira passada, na sede a AFCP, decidiram por realizar uma manifestação de protesto em frente à Assembléa Legislativa do Estado, dia 5 de junho próximo. Diante, porém, do fato novo, os fornecedores de cana vão realizar novo encontro, segunda-feira próxima, no auditório do or-

ganismo, para reavaliar o posicionamento da categoria, embora predomine entre as lideranças do setor ponto de vista de que não há mais sentido efetivar-se o protesto.

Enquanto isso, o presidente da AFCP defendia a mesma opinião de seus colegas Gerson e Paulo Carneiro Leão, do Sindicato e da Coopilan, respectivamente, de que a liberação de Cr\$ 20 bilhões para financiamento, aumento de 9% para a cana e a promessa de correção da defasagem, comprovada esta pela Fundação Getúlio Vargas, "atenderam em parte" aos pleitos da categoria. Lembra ainda, Severino Ademar, que o presidente Fernando Collor de Mello acenou com a possibilidade de liberação de mais recursos, "se necessário for".

– E possível até que os 20 bilhões de cruzeiros autorizados agora pelo Presidente da República não sejam, realmente, suficientes para atender ao elevado custo da nova safra. Só que Sua Exceléncia promete novos recursos, o que nos deixa mais tranquilos, disse Severino Ademar.

24

Foi a partir dessa realidade que o MSTTR do estado, coordenado pela FETAPE, convocou todos os sindicatos da Mata para analisar a nova realidade e apresentar propostas. Nesse sentido, vários seminários foram realizados.

Em dezembro de 1994, em plena crise na região, foi promovido um encontro no Recife, no qual os temas abordados foram: concentração fundiária da região; monocultura da cana de açúcar; desemprego regional; condições de vida dos/as trabalhadores/as rurais; relações de trabalho na região; presença e ausência do estado.

Essa discussão gerou um documento intitulado “Princípios e bases para uma proposta para a Zona da Mata”, que trazia como foco a população da região, constituída, já naquela época, por mais de 1,2 milhão de pessoas .

No conteúdo, a reforma agrária foi vista como fator fundamental, assim como a modernização das relações sociais e de trabalho na região. A diversificação da produção também já aparecia como uma prioridade. Uma cópia desse documento foi encaminhada às autoridades da época.

No ano seguinte (1995), um seminário regional também trouxe importantes debates sobre a Zona da Mata. Ele contou com a participação de 70 pessoas, incluindo dirigentes sindicais, economistas, advogados e outros técnicos. Na ocasião, foram abordados o processo de reestruturação e globalização da economia e os reflexos no Brasil; a crise conjuntural do setor sucroalcooleiro e as ações do poder público; as mudanças nas relações de trabalho (jurídicas e tecnológicas); o conjunto de medidas econômicas, institucionais e políticas do governo, na época exposta pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese).

Entre as principais propostas do MSTTR, estava a de mobilizar os/as trabalhadores/as na luta pela terra; diversificação da produção; e a intervenção do Movimento nas políticas públicas. Essas foram encaminhadas para o Governo do Estado e o Governo Federal.

Os dois seminários contribuíram para que o Movimento Sindical Rural tomasse uma posição política sobre as questões relacionadas ao acesso à terra e começasse a realizar ocupações na Zona da Mata. Na época, a FETAPE participou de um grupo chamado EDUCATER (Educação para a Terra), ligado ao Ceia Rural, que, junto com a Federação, realizavam um trabalho no sentido de preparar os/as trabalhadores/as para essas ocupações.

## Avanços ao longo dos anos

Com o passar do tempo, as conquistas voltadas para os trabalhadores e trabalhadoras rurais da Zona da Mata foram sendo ampliadas. No entanto, uma coisa é certa: a liberdade de organização da categoria foi a maior de todas, pois foi ela que impulsou outros avanços importantes na caminhada. As leis trabalhistas, agrárias e previdenciárias, que antes não existiam, também possibilitaram uma melhor qualidade de vida para os assalariados e assalariadas da região. Ainda no âmbito dos direitos, um importante instrumento de defesa da categoria, desde 1979, são as Convenções Coletivas de Trabalho (CCTs). E, para ajudar no cumprimento da CCT, foi criada, pelos sindicatos e a FETAPE, uma forte estratégia: a patrulha rural.



25

Apesar de todas as dificuldades existentes, a Zona da Mata de hoje se diferencia muito do passado. Em vários municípios, existem assentamentos, que contemplam milhares de famílias rurais, que saíram do assalariamento para a agricultura familiar. Nas áreas que antes eram de propriedade de usineiros e senhores de engenhos, houve um aumento da produção agrícola. Vale esclarecer que, dos assentamentos existentes, parte é coordenada pelos Sindicatos e FETAPE e outra parte pelo MST.

Em se tratando do Movimento Sindical Rural, a participação das mulheres da Zona da Mata vem sendo cada vez maior. Elas também começaram a integrar a direção efetiva e suplente dos STRs, saindo de 20% (no ano 2000), para 39%, na Mata Norte, e 42,0% na Mata Sul, em 2017 (segundo informações dos/as entrevistados/as). Isso deve ser considerado um avanço, mesmo sabendo que a maior parte desse percentual ainda está na suplência das diretorias.



Houve, também, a criação de sindicatos específicos da agricultura familiar. Para se ter uma ideia da importância da agricultura familiar na região, nas entrevistas realizadas com os sindicatos foi constatado que, na Mata Norte, 54% dos trabalhadores/as rurais da área de ação do sindicato são agricultores/as familiares e, na Mata Sul, o percentual chega a 58%. Essa é a média geral dos dados obtidos nas entrevistas.

## Greves na Zona da Mata



Durante o período de 1979 a 2017, aconteceram 15 campanhas salariais com greves e 24 sem movimentos grevistas. Os paradeiros tinham, normalmente, de dois a três dias de duração, pois o Tribunal Regional do Trabalho os julgava imediatamente, para evitar um período longo de paralisação.



Entre as muitas greves ocorridas, aqui, serão destacadas duas. Essas marcaram a caminhada do assalariamento rural na Zona da Mata.

A primeira, foi a greve de 1979, que demonstrou a disposição dos/as trabalhadores/as de lutar por seus direitos. Ela envolveu mais de 250 mil assalariados, possibilitando a conquista da 1<sup>a</sup> Convenção Coletiva de Trabalho, que vem sendo renovada anualmente, permitindo avanços e garantia de direitos.

Já a segunda, foi a greve de 2005. Naquele ano, durante a Campanha Salarial, o patronato, que já havia montado a estratégia de contratar trabalhadores/as de outras regiões do estado, estava confiante. Por isso, durante as negociações, apresentou proposta de aumentar as tarefas do corte de cana em cerca de 40% acima da tarefa convencionada anteriormente. Eles estavam tão determinados, que a negociação foi rompida. Diante dessa situação, a categoria resolveu decretar a greve em toda a Zona da Mata.

Mesmo com a paralisação, os patrões imaginavam que iriam sair ganhando, porque tinham o controle da mão-de-obra dos boias-frias, que não eram fichados na empresa. Porém “o tiro, mais uma vez, saiu pela culatra”, pois quando os sindicatos comunicaram aos/ás trabalhadores/as fichados/as e temporários/as que o patronato estava propondo aumentar a tarefa do corte de cana, todos ficaram revoltados.



Os boias-frias, então, foram os primeiros a aderirem à greve. Assustados e sentindo o peso da paralisação, que atingiu mais de 80% dos/as trabalhadores/as, os patrões voltaram a negociar e desistiram da proposta de aumento da tabela do corte de cana. Assim, a Convenção Coletiva foi aprovada em conformidade com a CCT anterior.

## **Greves, dissídios e convenções coletivas na Zona da Mata 1979/2017**

Greves com Convenção Coletiva	Greves com Dissídio Coletivo	Campanhas Salariais sem Greve	
1979	1980	1985	2003
1987	1981	1993	2004
1992	1982	1994	2006
2005	1983	1995	2007
	1984	1996	2008
	1986	1997	2009
	1988	1999	2010
	1989	2000	2011
	1990	2001	2012
	1991	2002	2013
	1998		2014
			2015
			2016
			2017

# Lideranças que se destacaram nessa luta

O início da organização dos/as trabalhadores/as da Zona da Mata ocorreu em um momento muito difícil da história do Brasil. Diante de um cenário de forte violação aos direitos, apesar de muitas lideranças terem sido convidadas a participar dos primeiros cursos de sindicalismo, no meio do caminho, várias delas abandonaram essa missão. Algumas até chegaram a começar, mas, nos momentos de dificuldade, decidiam seguir outro caminho. Porém, os que continuaram sempre demonstraram disposição e compromisso com a luta.

Nos arquivos da Academia Sindical FETAPE, é possível encontrar uma listagem desses/as “guerreiros/as” do passado que, inclusive, foram citados nas entrevistas, e as lideranças mais recentes.

Já entre as lideranças políticas, a escuta dos sindicatos da região da Zona da Mata fez lembrar algumas como: Miguel Arraes de Alencar, governador do Estado; Gregório Bezerra, liderança do PCB; e Francisco Julião, Júlio Santana, Maria Celeste e Geremias, todos membros das Ligas Camponesas



# Um momento novo

## REORGANIZAÇÃO SINDICAL



30

Ao longo de sua história, o Movimento Sindical Rural foi fundando entidades sindicais (sindicatos), que representavam a categoria trabalhador rural, reunindo, em uma mesma estrutura, assalariados/as rurais e agricultores/as familiares. Assim vieram construindo uma trajetória de grandes avanços e conquistas para esses/as trabalhadores/as.

Essa organização começa a se modificar, em meados dos anos 2000, quando o Poder Judiciário estabeleceu uma nova interpretação do conceito de unicidade sindical, que é o princípio pelo qual garante somente um sindicato por categoria, em uma determinada delimitação territorial. Foi colocado que trabalhador/a rural é uma categoria eclética, isto é, possui, dentro de si, duas categorias diferentes. Assim, seria possível a existência de sindicatos que representassem essas categorias específicas.

Nesse momento, o Movimento Sindical Rural brasileiro, que se organizava em torno do sistema Contag, Fetags e STRs, teve que tomar uma importante decisão, manter-se organizando sua base em categoria eclética, e buscar a defesa em ações na justiça, ou construir um sistema de organização específico para cada uma das categorias (assalariado rural e agricultor familiar).

No ano de 2013, com o risco do surgimento de diversas entidades específicas fora do Sistema Contag, o seu Conselho Deliberativo Ordinário Ampliado decidiu pela estruturação de dois sistemas sindicais autônomos e harmônicos, sendo um para representação sindical de agricultores e agricultoras familiares (Contag) e outro para representação dos assalariados e assalariadas rurais (Contar).

A partir dessa deliberação, em 2015, o Movimento Sindical Rural de Pernambuco, filiado ao Sistema Contag, decidiu pela criação de uma entidade específica de representação dos assalariados e assalariadas rurais, fundando a Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Assalariados Rurais de Pernambuco – FETAPE - e alterando a representação da FETAPE, que passou a ter, em sua base social, exclusivamente os agricultores e agricultoras familiares.

## Informações relacionadas à organização sindical hoje

31

ESPECIFICAÇÃO	MATA NORTE	MATA SUL	Total
População rural na Zona da Mata Dados do IBGE - Censo 2010	166.477	247.177	413.954
Percentual de agricultores/as familiares existentes da base dos STRs	54%	58%	56% Média
Percentual de assalariados/as rurais	46%	42%	44% Média
Percentual de homens na Diretoria de todos STRs entrevistados	61%	58%	60% Média
Percentual de mulheres na Direção de todos STRs entrevistados	39%	42%	40% Média
Percentual de STRs com Delegados Sindicais	32%	29%	30% Média
Total de associados quites nos STRs entrevistados em 2017	17.999	17.802	35.801

# Desafios existentes na região

A história ensinou ao Movimento Sindical Rural que, só com muita luta, é possível se assegurar e ampliar direitos para os trabalhadores e trabalhadoras rurais. Não há possibilidade de se cochilar um só momento. Os desafios estão por toda parte, mas vale a pena citar alguns que chamam bastante a atenção:

- Desemprego em massa;
- Estratégias das empresas na contratação de trabalhadores/as rurais de fora do local da empresa, visando burlar a Convenção Coletiva de Trabalho;
- Evolução da tecnologia, visando à diminuição da mão-de-obra na região;
- Aumento do êxodo rural;
- Urbanização crescente da população, com a saída dos/as trabalhadores/as do campo para as periferias das cidades, sobretudo da Zona da Mata;
- Insuficiência de políticas públicas para atender às demandas da população dessa região;
- Concentração de terra;
- Estratégias patronais de não fazer o desconto da contribuição social para o sindicato, visando ao seu enfraquecimento;
- Novas estratégias do capitalismo empresarial rural, especialmente nessa região, visando aos setores econômicos de maior lucratividade;
- O patronato se aproveita da conjuntura desfavorável ao/à trabalhador/a para descumprimento da Convenção Coletiva de Trabalho;
- A nova Lei da Terceirização aprovada pelos golpistas em novembro/2017;
- Uso indiscriminado de agrotóxico, causando muitos danos à saúde dos/as aplicadores/as.
- Ausência do poder público no atendimento e identificação dos adoecimentos pelo uso dos venenos nas lavouras de cana de açúcar.

## Dados da Zona da Mata

**É uma região de mata atlântica** com grande potencial econômico, sobretudo pelos recursos naturais que possui (água, solo etc.).

**A região concentra** a monocultura da cana de açúcar ,com uma área de 480 mil hectares.

**48% da população** é formada por jovens de até 24 anos.

**A população idosa** acima de 55 anos, em 2000, era de 11%. Hoje representa 14%.

**O índice de mortalidade** infantil está entre 13% e 13,7%.

**17,2% dos habitantes** das Matas Norte e Sul vivem em extrema pobreza.

**277 mil pessoas** dependem do emprego na região. Desse total, 80,9% estão localizadas em Pernambuco e Alagoas.

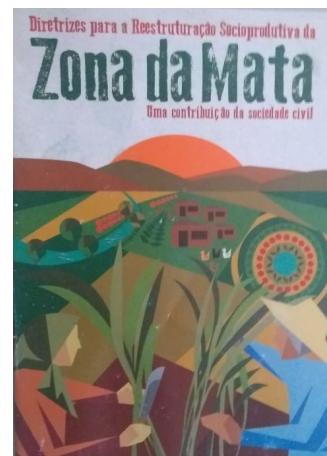
**No final da moagem**, 60% a 70% dos/as trabalhadores/as rurais da região ficam desempregados.

FONTE: IBGE, Censo 2010

33

## Bandeiras de luta do MSTTR na Zona da Mata

Diante de tantos desafios, o Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais não tem fugido à luta e tem assumido o compromisso de empunhar uma série de bandeiras voltadas para a região, entre as quais estão:



- Criação de empregos decentes com desenvolvimento social;
- Reforma agrária;
- Diversificação das atividades produtivas;
- Organização da produção dos/as agricultores/as familiares;
- Estruturação de programas governamentais voltados para o desenvolvimento de obras públicas associadas à infraestrutura social;
- Melhores condições de vida para a população rural, no tocante à educação, habitação, saúde, saneamento e alimentação, entre outras áreas.

Essas e outras temáticas, inclusive com sugestões de ações para a região, estão no documento *Diretrizes para a Reestruturação Socioprodutiva da Zona da Mata*, construído pelo Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais e entidades parceiras, em 2013, e entregue ao Governo do Estado. Ainda existe a expectativa de que essas propostas sejam assumidas como responsabilidade do Estado.

## O FUTURO

Os sindicatos são organizações que representam os interesses dos trabalhadores e trabalhadoras para reivindicar e lutar por melhores condições de vida, em um contexto de uma democracia representativa e também participativa, como previsto na Constituição Federal de 1988. Historicamente, o Movimento Sindical brasileiro; além da organização e defesa dos direitos da classe trabalhadora, tem exercido um importante papel na vida política nacional. Por isso, é fundamental que as duas entidades, FETAEP e FETAPE, e os seus sindicatos filiados estejam cada vez mais perto de suas bases, para fortalecer a luta dos/as assalariados/as e agricultores/as familiares, tendo uma maior representatividade junto a essas categorias e ampliando o número de associados/as. Só assim, será possível continuar lutando pela ampliação dos direitos e o fortalecimento da organização do conjunto da classe trabalhadora.

# Síntese das lutas sindicais na Zona da Mata em poesia

Até os anos sessenta  
Era pura escravidão  
Muita dominação  
Pouca gente comenta  
Mas quando a coisa esquenta  
O trabalhador refletiu  
Com cuidado se uniu  
Descobriu que tem saída  
Para melhorar de vida  
Fez seu plano e cumpriu

Tudo tem sua história  
Tem começo, meio e fim  
Tem coisa boa e ruim  
Há momento de glória  
Registrado na memória  
Chega a hora de expressar  
Dizer onde quer chegar  
Preparar o caminho  
Pra caminhar direitinho  
E seu direito ir buscar

Na Zona da Mata existia  
Trabalhador ticuqueiro  
O lavrador e foreiro  
O eiteiro que sofria  
Vivendo na agonia  
O condiceiro explorado  
Pagava um preço dobrado  
Era grande o sofrimento  
Além do padecimento  
Era desorganizado

Nesse grande vaivém  
Alguém começa primeiro  
E se torna pionheiro  
Organizaram seu trem  
Partiu e se deu bem  
Fizeram organização  
Criaram Associação  
Enfrentaram a nobreza  
Como muita luta e clareza  
Cumpriram a sua missão

Essa notícia excelente  
Em Pernambuco chegou  
E assim o trabalhador  
Que é muito inteligente  
Da luta ficou ciente  
Começou a se organizar  
Para o direito ir buscar  
Uniu os seus irmãos  
E através da união  
Começa a coisa mudar

Os assalariados rurais  
Em mil novecentos e sessenta  
A temperatura esquenta  
Interesses desiguais  
Minaram os canaviais  
Luta contra a exploração  
E a grande dominação  
Dos grupos capitalistas  
O camponês foi artista  
E criou organização

*Reflexão da realidade  
Reuniões secretas  
Discussão de metas  
Visita às comunidades  
A pessoas de intimidade  
Programação de feijoada  
Conversas com camaradas  
Contatos feitos nas feiras  
E nas festas da padroeira  
E com ação planejada*

*A Igreja Católica  
E as Ligas Camponesas  
Lutando contra a nobreza  
Unidos na mesma ótica  
Com milho fez pipoca  
Barreiros e Caruaru  
Em Vitória deu rebu  
Limoeiro no vaivém  
Até Lajedo também  
Entrou no Maracatu*

Esses Sindicatos mencionados nos versos acima foram os primeiros a encabeçar a luta sindical no estado de Pernambuco.

## **MATA NORTE: Sindicatos visitados pela Academia Sindical citados em poesia:**

ALIANÇA E ARAÇOIABA / ABREU E E LIMA E CARPINA  
FERREIROS E CAMUTANGA/ NA LUTA SE AFINAM  
E CHÃ DE ALEGRIA / SUA SEDE É NA ESQUINA  
ITAMBÉ E CONDADO / MAIS ADIANTE É VICÊNCIA  
NAZARÉ DA MATA / COMEÇO DA EXISTÊNCIA  
GOIANA E IGARASSU / AJUDANDO A RESISTÊNCIA  
ITAQUITINGA E TIMBAÚBA / LUTANDO COM FIRMEZA

GLÓRIA DO GOITÁ / DA LUTA TEM CLAREZA  
PAUDALHO E SÃO LOURENÇO / ENFRENTANDO A NOBREZA

LAGOA DO ITAENGA / DEMONSTRA LIDERANÇA  
LAGOA DO CARRO / DEIXA MUITA ESPERANÇA  
SÃO VICENTE FERRER / TEM GENTE DE CONFIANÇA

MACAPARANA E PAULISTA / UM DO OUTRO É DISTANTE  
23 SINDICATOS / SÃO TODOS IMPORTANTES  
PARA ACADEMIA SINDICAL / SÃO MUITO RELEVANTES

## Visitas da Mata Sul em poesia

VISITAMOS AMARAJI / AGUA PRETA E BELÉM  
BARREIROS E BONITO / E CATENDE TAMBÉM  
CABO E CHÃ GRANDE / QUE TEM GENTE DE BEM

ESCADA FOI O PRIMEIRO / E CORTÊS MAIS NA FRENTE  
GAMELEIRA E IPOJUCA/ FORMANDO A CORRENTE  
JABOATÃO E JAQUEIRA / RECEPÇÃO EXCELENTE

LÁ EM JOAQUIM NABUCO / GOSTAMOS DA ATENÇÃO  
POMBOS E MORENO / FOI BOA RECEPÇÃO  
PALMARES E PRIMAVERA / MUITO BOA NARRAÇÃO

RIBEIRÃO E QUIPAPÁ / RECEPÇÃO CORDIAL  
NOSSO RIO FORMOSO / FOI MUITO ESPECIAL  
EM SÃO BENEDITO / TRATAMENTO FOI LEGAL

LÁ EM SIRINHAÉM / FIRMEZA DA DIRETORIA  
SÃO JOSÉ NOS LEMBRA / A FAMÍLIA DE MARIA  
VITÓRIA DE SANTO ANTÃO / LEMBRA LUTA QUE SOFRIA

TAMANDARÉ E XEXÉU / FOMOS BEM RECEBIDOS  
MARAIAL E PONTE / ESSES NÃO FORAM OUVIDOS  
MAS FAZ PARTE DA MATA/ NO LIVRO TÁ CONTIDO

OS 30 DA MATA SUL / ESTÃO NESSA HISTÓRIA  
A UNIÃO DE TODOS/ AJUDOU A VITÓRIA  
TODA LUTA DA MATA / TÁ GRAVADA NA MEMÓRIA

# Fontes de pesquisa

Resumo das entrevistas realizadas em 51 Sindicatos da Zona da Mata, em 2017.

Dados do IBGE, Censo 2010, sobre a população da Zona da Mata.

Livro “Açúcar com Gosto de Sangue” - publicado pelo MSTTR, na década de 1980.

Dados estatísticos da Zona da Mata de Pernambuco, pesquisados via internet: [www.ancora.org.br/textos/011\\_ansem\\_mafra.html](http://www.ancora.org.br/textos/011_ansem_mafra.html).

38

Documentos: Princípios e Bases para uma Proposta para a Zona da Mata de Pernambuco - dezembro de 1994; Relatório do Seminário da Zona da Mata, realizado no período de 27 a 29 de julho de 1995 ; Relatórios do 1º e 2º Encontro de Mulheres Trabalhadoras Rurais, realizados em 1987 e 1992 respectivamente.

Livro “O Campo – meu lugar de viver, ver e transformar”, publicado pela FETAPE, por meio da Academia Sindical, em 2014.

Esses e outros documentos e publicações se encontram no acervo da Academia Sindical FETAPE, que fica no Centro Social da Federação, em Carpina (PE).

Telefones para contato: 81 3621-6435 ou 3771-0317.

# Sindicatos da Mata Norte



Abreu e Lima



Aliança



Araçoiaba



Camutanga



Carpina



Chã de Alegria



Condado



Ferreiros



Glória do Goitá



Goiana



Igarassu



Itambé



Itaquitinga



Lagoa de Itaenga



Lagoa do Carro



Macaparana



Nazaré da Mata



Paudalho



Paulista



São Lourenço da Mata (STTAR)



São Lourenço da Mata (STR)



São Vicente Ferrer



Timbaúba



Vicência

# Sindicatos da Mata Sul



Água Preta



Amaraji



Barreiros



Belém de Maria



Bonito



Cabo de  
Santo Agostinho



Catende



Chã Grande



Cortês



Escada



Gameleira



Ipojuca



Jaboatão



Jaqueira



Joaquim Nabuco



Maraial



Moreno



Palmares



Pombos



Ponte  
dos Carvalhos



Primavera



Quipapá



Ribeirão



Rio Formoso



São Benedito  
do Sul



São José da  
Cora Grande



Sirinhaém



Tamandaré



Vitória de  
Santo Antão



Xexéu